

Dossier - Depois do 11 de Setembro

Representante Especial no Iraque – para além do mandato

Miguel Brito e Abreu

Conhecido pelas agências noticiosas como um *troubleshooter*, Sérgio Vieira de Mello não se limitou ao papel de observador e procurou, defendendo e promovendo os princípios da Carta, dar às Nações Unidas um lugar na defesa dos interesses do povo iraquiano.

O ataque do passado dia 19 em Bagdad coloca, inevitavelmente, várias questões quanto à missão da ONU no Iraque. Por um lado, o atentado deixa poucas dúvidas quanto à mensagem que pretende transmitir no sentido da comunidade internacional se retirar do Iraque. Por outro, o Representante Especial do Secretário Geral das Nações Unidas no Iraque, Sérgio Vieira de Mello, procurou sempre deixar claro que a presença das Nações Unidas no Iraque servia apenas o povo iraquiano e nada tinha a ver com as forças de ocupação. Para alguns analistas, foi este desejo de esclarecer a exclusiva preocupação com o povo iraquiano uma das causas para o sucesso do atentado. Ao renunciar a um aparatoso aparelho de segurança, que apenas podia ser assegurado pelas forças de ocupação, Sérgio Vieira de Mello deu mais um passo para restabelecer a confiança do povo iraquiano mas tornou-se, também por isso, mais vulnerável.

Após um atribulado processo de decisão em que as Nações Unidas terão vivido um dos momentos mais críticos da sua história, a resolução 1483 do Conselho de Segurança, de 22 de Maio de 2003, definiu o envio do Representante Especial do Secretário Geral (RESG) para o Iraque. Sérgio Vieira de Mello foi nomeado para o que o próprio Secretário Geral das Nações Unidas, Kofi Annan, confessou então ser a "mais difícil missão da ONU". Definindo um mandato essencialmente humanitário para o Representante, a resolução 1483 eliminava quase por completo qualquer capacidade de decisão ao nível político para as Nações Unidas. Sem voz nem voto nas negociações para a composição de um governo iraquiano, a missão de Vieira de Mello resumir-se-ia à de um observador encarregue de recolher dados para uma futura, e eventual, maior participação das Nações Unidas na reconstrução do Iraque.

Apesar de não possuir qualquer papel activo na constituição de um governo interino no Iraque, Vieira de Mello reconheceu, desde a sua chegada a Bagdad, a importância de interlocutores locais como única via de devolver aos iraquianos o controle sobre o seu país. De acordo com a visão do Representante Especial, a constituição do Conselho Governativo, "ainda que sob a forma de um governo transitório não eleito democraticamente, é o primeiro passo da nova etapa que substitui o desorientador vazio de poder que se seguiu à queda do regime anterior".

Sem nunca descurar a missão humanitária que lhe fora incumbida por Kofi Annan, é na tentativa de aumentar a influência política das Nações Unidas no processo de reconstrução que podemos encontrar com maior nitidez o cunho pessoal de Sérgio Vieira de Mello. Perante a fragilidade de um país dividido entre a autoridade das forças ocupantes e a submissão de uma população ocupada, tornava-se necessária a intervenção de uma entidade exterior e imparcial que, como as Nações Unidas, tinha por única preocupação o bem-estar da população iraquiana.

No entanto, esta ambição, que se materializa na figura do Representante Especial, chocava com o mandato da resolução 1483, explícito no carácter exclusivamente humanitário da missão das Nações Unidas. Sem qualquer poder de decisão a respeito do futuro do Iraque, não lhe restava outra opção que não a defesa da posição mais afastada dos dois extremos em conflito. Ao defender a criação do Governo interino e ao lutar pelo seu reconhecimento internacional, as Nações Unidas estavam, assim, a favorecer o aparecimento de um interlocutor válido.

De acordo com as palavras de Sérgio Vieira de Mello, uma instituição que tem "a autoridade e a credibilidade" para ser um parceiro com quem as Nações Unidas poderão trabalhar. Esta parceria com o Conselho Governativo representava também a única forma das Nações Unidas tentarem – sem serem identificadas com qualquer das partes – incorporar no processo de reconstrução política no Iraque os princípios e valores que regem a sua actuação.

São claras as demonstrações do enorme empenho pessoal com que Sérgio Vieira de Mello desempenhou o seu cargo: o périplo pelas várias regiões do Iraque, as visitas aos países vizinhos ou a deslocação a Nova Iorque, acompanhado de três membros do Conselho Governativo ainda antes do reconhecimento pelo Conselho de Segurança. Terá sido a mais valia de empenho pessoal que permitiu a Sérgio Vieira de Mello explorar pequenas

brechas no limitado mandato. Só assim se explica que, graças à intervenção da Missão Especial das Nações Unidas no Iraque, o processo do Governo interino fosse objecto, dia após dia, de maior consenso internacional.

Conhecido pelas agências noticiosas como o "troubleshooter", não se limitou ao papel de observador e procurou, defendendo e promovendo os princípios da carta, dar às Nações Unidas um lugar na defesa dos interesses do povo iraquiano, como, aliás, sempre declarou ser a prioridade da sua missão no Iraque.